Anno 3.° O Estado menor teme o maior. Um Bresci è o teror de ambos. Nr. 32

De todos segundo as suas forças.

IL DIRITTO

A cada um segundo as suas necessidades.

PERIODICO COMMUNISTA ANARCHICO

SAHE QUANDO PODE E SE PUBLICA POR SUBSCRIPÇÃO VOLUNTARIA

GERENTE RESPONSAVEL: *Egicio Cini.* Endereço: IL DIRITTO, Rua Silva Jardim N. 60

Paranà | Curityba 11 de Junho de 1902 | Brazil

O grande culpado.

Porque não!? — Crispi merece ser rehabilitado — elle, o chefe da malandragem arraigada ao erario publico — merece ser rehabilitado, porque attraz d'elle ha um maior culpado, inviolavel na vida e na morte.

Invialovel . . . mas não para nós que as paginas da historia queremos escrever, appellando á verdade real dos factos, passando sobre todos os sentimentos de patria e de partido.

Crispi, foi o mordomo dos canalhas: isto está discutido e os cumplices mesmos foram obrigados a declaral-o *digno de lastima*.

Porem, atráz delle ha o primeira entre todos os canalhas que humilharam a nação italiana: Humberto de Saboia-Carignano.

Ninguem accusou este impostor da magnanimidade, e o plébeo —***justiceiro sagrado***— que truncou a maléfica vida foi taxado de assassino.

Hoje porem, mais uma vez, a verdade s'impõe. E o triste heroe burlesco de Calatafimi descobre o tumulo e grita á Historia: — Lá no meu archivo estão as provas do grande delicto.

Lá no archivo! . . . ,

Porem alguem quebrou os sellos, e o guarda delles, o grande *amigo* de Crispi, o senador Abel Damiani, de vela em punho precedeu os ladrões . . .

As provas já não existem: o negocio ficou concluido: a regia gazúa operou e . . . a monarchia está salva!

Salva!?

Mas não! Rehabilitaremos Crispi, se isso fôr necessario, mas não vos salvaremos a vòs, nunca, óh, aventureiros saboiardos!

Todas as imprecações que as mães da Italia lançaram sobre o infame ministro, nós as invocamos, hoje, sobre vós, oh filhos do grande trahidor Carlos Alberto . .

Os tumulos então fallaram? Não! Mas fallaram os vivos, os vivos que não souberam calar-se ou occultar a verdade, que lhes queimava a garganta. E a verdade é esta:

O grande responsável, o unico, no fundo da grande hecatombe de Adua è o vosso pranteado Rei . . . de grande coração!

Como vulgares *cambrioleurs* haveis subtrahidos os documentos que vos accussavam — oh sabaudos, porem as provas vivas não soubestes supprimil-as, nem todas as escriptas.

E de toda a parte vos clamam: *Assassinos*!

Mas não é tudo, não é somente de Adua que vos sois responsaveis. Outros delictos, outros furtos vos imputamos,

Esperai: a hora do *redde rationem* para vos está prestes a vibrar e haveis de pagar um seculo de infamias imposto a um pôvo heroico e generoso.

E pagareis com usura.

Tudo tem um limite: tanto a paciencia das massas, como a ingenuidade dos povos.

As feitiçarias desapparecem; os idolos precipitam-se no lòdo.

Carlos Alberto, trahidor; Victor Emanuel, embusteiro; Humberto assassino . . . assim, hoje, num crescendo espantoso, escreve a Historia . . . que não se impõe, falsificada, como a dos regios lyceus, pelos historiadores rufiães, mas que so se revela por si mesma na fatal concatenação dos acontecimentos.

Que é que vos resta, pois, ó monarchistas medianeiros da grande *cocotte sabauda?*! . . .

Ah! é verdade, vos resta o Januario . . . o jesuita, o aip

putativo, o marido da formosa Helena . . . .

Pois bem, a verdade passará tambem sobre elle: a vossa dinastia está condemnada; nasceu da trahição, se afogará no sangue, . . . no sangue que ella derramou.

Crispi, o maximo escudeiro de Saboia, elle tambem pede justiça: elle não quer *glorias* que não lhe pertencem.

Dai portanto a Cesar o que è de Cesar. . . . .

Mas si o assassino é Humberto, por que motivo haveis permittido que Bresci fosse impunemente estrangulado em sua cella? . . . .

Gigi Damiani.

Victimas das Trévas.

O dia em que Satanaz poude comprehender que havia triumphado nos corações da maioria dos pensadores, disse comsigo mesmo: »Coragem! mais um meio de salvamento, mais um fraco, mais um escravo deve estar em meu poder:— a mulher!....«

Genio maligno, o padre-(satanaz), sentiu perfeitamente com o seu diabolico instincto, que o dia em que lhe faltasse este pedestal de ouro — a mulher — d'elle nada restaria no mundo sinão a dolorosa memoria que passaria aos vindouros, por ter, durante seculos e seculos, feito da humanidade a especie mais infeliz de seres viventes, dilacerando-lhes, qual negro abutre, o cráneo para arrancar-lhes e matar-lhes o uso da razão.

O que é bastante lastimoso porem é que, o homem nada ou bem pouco se empenha para redimir, para vingar, para arrebatar a mulher das garras de tão sedento gavião!

A ignorancia da mulher é, portanto, o unico pedestal sobre o qual pousa a decadente barraca do padre.

Censura-se o homem antigo por ter pôsto entre o homem e a mulher inseparavel barreira — o gyneceo; mas o homem antigo sabia viver em grande intimidade intellectual com a mulher, como o provam as magnanimas palavras de *Penélope,* quando prefere ser raptada e dilacerada pelas meretrizes, a sujeitar-se á *»alegrar o espirito de um homem inferior ao seu grande esposo.«*

Os homens modernos fizeram muito peior que os antigos: crearam o gyneceo intellectual! e a prova é que, em certas honestas reuniões, desenvolvendo-se seriamente o thema da conversação, fallando-se de sciencias ou de philosophia, os homens, como para relevar uma boa educação, retiram-se apressadamente a parte e discutem entre elles, deixando as mulheres conversar livremente de modas, de bailes, de theatros, de festas, e às vezes de politica, não porem de politica que tenha por objectivo um ideal, mas para objecto pessoal, como o emprego, as graduações, o premio, as esperanças, a vingança do irmão, do pae, do amante, do marido!.... D'aquillo que diz respeito á vida scientifica, da vida verdadeiramente intellectual, ninguem tenta informar a mulher.

Pode-se dizer que o homem moderno não concede á mulher o saber certas verdades, conservando para si só o exclusivo monopolio de certas idéas, como si elle sómente devesse gozar o privilegio de uma cultura forte, livre, verdadeiramente moderna.

Ao homem, ampla faculdade de regeitar os dogmas que repugnam á sua razão, ampla liberdade de deixar os habitos que offendem á sua energia; á mulher, ao contrario, se lhe impede a luz, a sciencia, e se prefere mantel-a ignorante, fazendo-lhe crêr o absurdo, o mysterioso!

Eis o motivo porque o padre triumphou e triumphará sobre a mulher, até que este estado de cousas não melhore e não se pense em dar á mulher, á irmã, á companheira do homem, uma instrucção mais ampla, mais sã, mais racional, mais franca e leal, do que hoje ordinariamente lhes é distribuida.

Para melhorar as condições da sociedade, convém melhorar, com uma educação harmonica, as coudições da familia. E como pode haver conformidade de pensamentos, aonde não reinam communs aspirações e identidade de fins?....

A igualdade, a justiça obtida no campo da educação, e por toda a parte, eis o que só pode efficazmente renovar as bases, a economia, a vida da familia e preparar o aniquillamento, o abysmo, para o *sagrado* mórbo lethal — o padre.

Nós não queremos, de nenhum modo, emancipar a mulher da familia, pelo contrario: queremos restituil-a inteiramente á aquella, porque a excepção d'ella »um ar mais expiravel« não pode para ella existir.

Queremos a mulher emancipada do erro, unica origem da sua fraqueza, queremos a mulher restituida á si mesma, á sua razão, ao seu bom senso e transformada em verdadeira irmã do homem, depois de ter sido a humilde escrava. Queremos a mulher cheia de *»intelligencia e de amor«,* que não sujeita a razão ao talento, mas que reserva os thesouros preciosos do seu coração, animado pela verdadeira sabedoria, áquelle que sabe tornar-lhe menos difficil o complemento de seu nobre destino n'este mundo. Queremos a mulher verdadeiramente moderna e ao mesmo tempo classicamento antiga; não mais uma convulsionaria, uma extatica, uma freuetica; mas sim uma mente cultivada e gentil, uma vontade firme e serena, capaz de comprehender os altos da humanidade. Queremos a mulher conforme a descreveu Virgilio — *uma sanctissima conjux* — preceptora, sacerdotiza, — pura nos dois templos unicos, que um dia se confundirão, e permanecerão inseparaveis e venerados sobre as ruinas de todos os outros:

— A escola e a familia, o templo da sciencia e o templo do amor!

J. Mori.

Os Vermes.

Não erão sufficientes os manejos loyolescos de certos degenerados, filhos do paiz, fortes pelo cargo que occupam, porem vis como homems, vis e vergonhosos pelos vicios inqualificaveis em que se abandonam! . . .

Alem destes erão precisos tambem os sicarios da tòrpe monarchia de Saboia!

Nossas informações particulares nos asseguram a existencia de uma extensa rede de espiões — vermes da sociedade — cuja alma está no Rio, e que entrando em nosso partido, invejam a sua existencia.

Poder-se-ha crêr que os haja tambem aqui em Curityba? Lá disso estamos certos.

Temos as provas . . . e mais hoje ou mais amanhã scientificaremos os companheiros dos nomes e dos signaes desses *personagems*.

Cautela, pois!

E ás insidiosas manobras dos nossos inimigos, aos gestos velhacos da velhaquissima policia italiana, appômos firmeza de principios e constancia na lacta.

X.

MOVIMENTO OPERARIO.

Formou se uma Liga de Trabalhdores entre proletarios do Paraná.

A Liga tem um orgão proprio, o qual appareceu estes dias, e que expõe os fins da mesma Liga, annunciando as normas a que deve obdecer.

Sabemos mais que adheriram á dita Liga, inumeros filhos do paiz; o que nos consola, fazendo nos esperar o evoluir do elemento indigena, subjugado até hoje inconscientemente á tyrania da tradição do captiveiro, que mantem os patrões . . . contra os interesses da riquiza commum.

Reservando-nos voltar sobre o assumpto, por hoje, só podemos augourar à Liga incremento e luctas, e ao seu orgão ficunda propaganda emprol da emancipação proletaria, da qual hoje e sempre, seremos amigos e sustentaculos, onde e quando o seja.

Y.

Não julgar..

N'esta semana, um pobre jovem, que já foi comdemnado a 30 annos por uxoricidio revoltarà á presença dos jurados, os quaes provavelmente confirmarão a primeira sentença e o dia seguinte ao jury — salvo os interressados no triste drama — saciada a curiosidade o publico e satisfeito os administradores da justiça aquillo que chamam seu dever, todos terão esquecido que um homem, um infeliz! envolvido na onda social desappareceu para sempre no fundo daquelle abysmo sem esperanças, que se denomina prisão.

E os primeiros a olvidar serão elles, propriamente elles, os senhores jurados, essa classe de homens superiores, indubitavelmente compostos de outra carne differente da nossa; sem vicios, sem paixões, sem maldade!! . . .

Em quanto ao promotor publico, feliz pelo successo oratorio, satisfeito de ver condemnado o individuo que elle deve custe o que custar fazer condemnar, da facil victoria (facil mas triste!) não receberà sinão maior impulso a proceder na ingloriosa correia de pedir condemnas, sempre condemnas, sobre os vencidos, aos cahidos, aos perdidos, apavonando-se a vingador do ente moral que não existe *a sociedade*; isto é, de uma *baldracca* que occulta as chagas de vicios innumeraveis, debaixo dos véos da hypocrisia immoral e delictuosa.

* * *

Porem antes que tudo incumbe-nos uma declaração. Nada nos liga, nem à victima, nem ao uxoricida. Por um. e por outra não temos sinão um sentimento só, commum: *o da humana commiseração* sobre as humanas desventuras.

Ninguem nos pediu para escrever, nem a prol nem contra, e mesmo que nos tivessem pedido não teriamos escripto.

Não sabemos quem são os juizes, nem podemos prophetizar quem serão os jurados. Em fim entre todos os que tomarão parte activa ao triste epilogo de um triste drama, não temos nem amigos e nem inimigos.

Nòs julgamos o facto em si mesmo e por si mesmo; e por isso nenhuma das nossas palavras venha interpretada como elogio ou como offensa a este ou aquelle.

Estamos de frente a um convencionalismo que nos impoz a tradição barbarica que fecundou uma civilisação nascida morta: o juizo do homem sobre o homem. E é só d'esse illogico e inhumano juizo que nos intendemos de occuparmo-nos, para fazer propaganda libertaria, nada mais que propaganda libertaria.

Mas se com tudo isso as nossa palavras servissem para enxugar uma lagrima, a mitigar uma dôr, julgarnos-hiamos immensamente satisfeitos

* * *

O Facto!? A causa d'este processo!? . . . E porque reelembral-o nas suas particularidades: por qual vantagem da humanidade!? . . . Quantos e iguaes tem succedido em toda a parte e em todos os tempos?

Um homem que mata a sua amante ou a sua mulher! . .

E porque a mata?

Porque elle, ou outros, ou o anonymo, accusam aquella mulher de ter trahido a fé conjugal, de tel-o deshonrado.

Assim se diz . . . Mentira! Aquelle homem matou porque vós todos que hoje o condemnai dissestelhe: mata!

Aquella mulher enganou porque vos todos, latones da ultima hora, lhe haveis dito: engana!

E' verdade: nenhum de vos particularmente se tem offerecido para servir de medianeiro; nenhum de vos particularmente á aquell' homem, talvez atacado pelo atavismo bestial, lhe tendes posto o punhal na mão . . . mas fostes vos todos, os vossos pais, os vossos avós, os vossos bisavós.

Sejais logicos. Observai e julgai qual è a educação familiar e social que recebemos e sobre que conceitos moraes se regula.

Reflectei em que ambiente o homem se desenvolve e cresce e vive. Negai si sois capazes, se em tudo e por tudo nos não respiramos os ares viciados pelo delicto e pela mentira . . .

Permetti matrimonios impossiveis que

ás vezes revestam a forma de um verdadeiro contracto mercantil, e depois lamentais as consequencias! Nas discussões privadas celebrais o marido enganado que mata a mulher, e depois gritais: assasino!

Nos recreios e em toda parte insidiai a mulher, e depois que vos tendes servido d'ella, a estigmatezais: prostituta!

Proclamais que a ignorancia e o analphabetismo, facilitam o delicto, porem manteis a ignorancia e pouco fazeis para instrucção.

Sabeis que o padre absolvendo — a preço — qualquer delicto dissuadindo o homem de procurar a felicidade neste mundo, influe damnosamente no sensomoral dos póvos, mas com tudo bejais a mão do padre!

Todos approvais que o pauperismo degenerando os individuos phisicamente os degenera tambem moralmente: mas o pauperismo augmenta!

Fomentais paixões, causais miserias, procurais desventuras, despertai a besta humana, fazeis de tudo em fim para arrastar a humanidade no lodo e no sangue, e depois quando o sangue, quando o lodo sóbe para cima e vos suja, vós subis o Sinai e de là de cima dictais as leis, estupidos e vis, *que golpea os effectos augmentando as causas do delicto.*

Um homem matou uma mulher: não devia matal-a. Elle commetteu um delicto, mas vós não podeis condemnal-o. Condemnando-o è condemnar a humanidade inteira, de hontem e de hoje, porque o sangue derramado remonta desde o primeiro homem que habitou a terra. E se antes d'aquelle homem ha um deus creador, pois bem, è aquelle deus creador que deveis arrastar ante os jurados porque o afogam no sangue derramado.

A philosophia moderna nos apresenta um dilemma: Ou regenerae a humanidade, ou que a humanidade desappareça!

Vos não podeis punir o delicto no homem que é um agente e não um factor do crime.

Quantos seculos de condemnações foram impostos desde que o antropóphago proclamando-se civil, vistiu a toga do juiz? Quantas prisões não foram de então até hoje construidas? E dizei-nos: quantos delictos foram impedidos? Diminuiu ao menos a milesima parta a delinquencia? **Não!** . . . Em vez augmentam espantosamente!

E isso prova que nem os vossos codigos e nem as vossas prisões podem fazer obstaculo ao delicto.

Queimae, portanto os vossos codigos, e as vossas prisões sejam substituidas por casas de instrucção! . .

Mas antes que tudo é necessario remontar ás causas que produzem o delinquente e... supprimil-as. O homem que é accusado do uxoricidio — para voltar ao facto — nega de ser elle quem commetteu o delicto, não obstante todas as provas contrarias.

Pode ser exacto, como systema de defesa errada . . . A nòs, porem, isto não nos diz respeito, com tudo reconhecendo que n'esse processo ha lacunas não preenchidas e pontos obscuros e nomes occultos . . . O que prova que a justiça tendo em consideração a alguem, è tirar a si mesma . . . Oh! bendictos versos de Guerra Junqueiro . . .

O homem que accusam virá de novo condemnado fatalmente a 30 annos . . . Os jurados poderiam absolvel-o, mas não o absolverão, faltariam a si mesmos e não escutariam a insufficiencia juridica que grita: *Condemna, condemna o irresponsavel . . . assim se absolve nós e a sociedade!*

E com tudo os jurados são christãos!

E com tudo, um mystico, em que (nós não juramos) um pobre rabino que morreu crucificado, ensinou, ha muitos seculos: *o homem não póde julgar o homem. . . .*

Mas o homem cheio de peccados, elle tambem victima da carne, julgará o homem que peccou.

E tu tetragono rabino, da tua cruz, o absolverás, para absolver a grande mentira: o christianismo!

G. Damiani.

VARIAS.

Recebemos de S. Paulo os tres primeiros numeros do novo periodico "O amigo do Povo", Orgão libertario, em lingua portugueza, que entre os seus redactores conta Benjamim Motta e Vasconcellos, o primeiro Brazileiro e o outro portuguez, habeis escriptores e fortes amigos das idéas revolucionarias.

Ao novo confrade agouramos uma vida de prosperidades e de luctas gloriosas.

N.B. Os companheiros que quizerem assignar "O amigo do Povo", poderão fazel-o em nossa redacção.

* * *

Correm aqui boatos que os anarchistas são protegidos e protegem o representante de sua magestade Januario III, rei da Italia. Nada mais falso e o desmentir seria superfluo, si não houvessem certos imbecis que creem em palraras postas em circulação pelos inimigos pessoaes do Snr. Silva, que querem substituil-o por um pridilecto do coração delles

Defendam là, *elles e os outros,* os proprios interesses como melhor lhes agradar porem não inventem cantigas servindo-se do nosso nome.

Nós não procurare-mos e não daremos nunca auxilio a quemquer que seja representante de qualquer auteridade, particularmente, pois, ao representante da vergonhosa monarchia italiana, tanto querida aos mais vergonhosos monarchistas italianos. E pensamos . . . . que isto chega.

* * *

O "Diario da Tarde" fazendo a narração da vida de uma pobre louca e das suas manias, conclue a chronica assim: "A infeliz mulher chama-se Soriana dos Santos, è cearense e aqui reside desde 1892, levando a vida errante dos desgraçados sem pão e sem lar."

Quando nós dirá de novo o illustre collega, que, no Brazil, não ha razão de existir a questão social? . . .

E depois, quando nos contarà a inteira historia da pobre Soriana?

Quem foi que a reduziu a tal estado?...

Mysterio? . . .

Por falta de espaço somos obrigados á publicar a lista da subscripção voluntaria no proximo numero.